

ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: a implantação de escolas em cidades do sul e do sudeste do país no final do século XIX e início do século XX

Oriomar Skalinski Junior
Vanessa Sabrina de Souza

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as relações entre o adventismo e a educação no Brasil, com destaque para suas primeiras escolas localizadas nas regiões sul e sudeste do país, cuja implantação remonta ao final do século XIX e ao início do século XX. A pesquisa justifica-se pela demanda por discussão das complexas relações existentes entre religião, religiosidade e educação e, no caso particular, também pelo interesse em avaliar os pressupostos a partir dos quais se estruturou a rede de ensino da denominação. Trata-se de uma pesquisa situada no âmbito da História da Educação, na qual se empregaram, destacadamente, ferramentas conceituais tomadas da sociologia de Pierre Bourdieu. A implantação dos primeiros colégios adventistas no sul e no sudeste – como o Colégio Internacional de Curitiba (1895), o Colégio de Gaspar Alto (1897) e o Colégio de Taquari (1903) – configurou-se simultaneamente como iniciativa pioneira no campo educacional protestante e como estratégia de inserção social. Voltadas inicialmente para as comunidades de imigrantes, sobretudo de origem germânica, essas instituições atuaram na difusão de valores morais, disciplinares e religiosos próprios do adventismo, produzindo igualmente impacto na dinâmica social e cultural das cidades em que se estabeleceram. Conclui-se que a denominação exerceu influência significativa não apenas na esfera religiosa, mas também na conformação dos campos educacional e cultural, evidenciando o papel estruturante de projetos religiosos na organização da vida social

Palavras-chave: brasil; adventismo; primeiras escolas adventistas

ADVENTISM AND EDUCATION IN BRAZIL: the establishment of schools in cities in the south and southeast of the country in the late 19th and early 20th centuries

Abstract

This article aims to analyze the relationship between adventism and education in Brazil, with emphasis on its first schools located in the southern and southeastern regions of the country, whose establishment dates back to the late nineteenth and early twentieth centuries. The study is justified by the need to discuss the complex relationships between religion, religiosity, and education and, in this particular case, also by the interest in evaluating the foundation from which the denomination's educational network developed. This research is situated within the field of the History of Education and notably employs conceptual tools drawn from the sociology of Pierre Bourdieu. The establishment of the first Adventist schools in the South and Southeast – such as the International School of Curitiba (1895), the Gaspar Alto School (1897), and the Taquari School (1903) – simultaneously constituted a pioneering initiative in Protestant education and a strategy of social insertion. Initially aimed at immigrant communities, especially of German origin, these institutions promoted the diffusion of moral, disciplinary, and religious values specific to Adventism, also impacting the social and cultural dynamics of the cities in which they were established. It is concluded that the denomination exerted significant influence not only in the religious sphere but also in shaping the

educational and cultural fields, highlighting the structuring role of religious projects in the organization of social life.

Keywords: brazil; adventism; early adventist schools.

ADVENTISMO Y EDUCACIÓN EN BRASIL: la implantación de escuelas en ciudades del sur y del sureste del país a finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las relaciones entre el adventismo y la educación en Brasil, con énfasis en sus primeras escuelas ubicadas en las regiones sur y sureste del país, cuya implantación se remonta a finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX. El estudio se justifica por la necesidad de discutir las complejas relaciones existentes entre religión, religiosidad y educación y, en este caso particular, también por el interés en evaluar la base a partir de la cual se desarrolló la red educativa de la denominación. Se trata de una investigación situada en el ámbito de la Historia de la Educación, en la cual se emplearon de manera destacada herramientas conceptuales provenientes de la sociología de Pierre Bourdieu. La implantación de los primeros colegios adventistas en el sur y el sudeste – como el Colegio Internacional de Curitiba (1895), el Colegio de Gaspar Alto (1897) y el Colegio de Taquari (1903) – se configuró simultáneamente como una iniciativa pionera en el campo educativo protestante y como una estrategia de inserción social. Inicialmente dirigidas a comunidades de inmigrantes, especialmente de origen germánico, estas instituciones actuaron en la difusión de valores morales, disciplinarios y religiosos propios del adventismo, produciendo también impactos en la dinámica social y cultural de las ciudades en las que se establecieron. Se concluye que la denominación ejerció una influencia significativa no solo en la esfera religiosa, sino también en la conformación de los campos educativo y cultural, evidenciando el papel estructurante de los proyectos religiosos en la organización de la vida social.

Palabras clave: brasil; adventismo; primeras escuelas adventistas.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as relações entre o adventismo e a educação no Brasil, com destaque para suas primeiras escolas localizadas nas regiões sul e sudeste do país, cuja implantação remonta ao final do século XIX e ao início do século XX. O adventismo é um movimento religioso protestante, referente à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), oficialmente fundada em 1863 nos Estados Unidos, e que chegou ao Brasil no final do século XIX. Para compreender a origem do adventismo, é necessário retomar o contexto específico do protestantismo estadunidense do século XIX – marcado por intensas expectativas ligadas à escatologia cristã (a segunda vinda de Cristo), pela valorização da leitura bíblica e por um ambiente religioso plural e dinâmico.

Nesse cenário, o adventismo consolidou-se como um movimento que combinava sólido conteúdo doutrinário com estratégias organizacionais voltadas para a difusão de suas crenças. Ao chegar no Brasil, a denominação encontrou um campo religioso já estruturado, historicamente marcado pelo predomínio do catolicismo e pela presença crescente de outras confissões protestantes. Sua inserção, portanto, não se deu sem resistências, mas em meio a disputas por espaço, reconhecimento e legitimidade. Diante desse quadro, faz-se necessário discutir os mecanismos que possibilitaram a afirmação do adventismo no período, assim como as estratégias mobilizadas para atuar social e politicamente em uma sociedade em transformação, especialmente

ao se considerar o período pós-Proclamação da República. Sob tais perspectivas, esta pesquisa justifica-se pela demanda por discussão das complexas relações entre religião, religiosidade e educação e, no caso em particular, também pelo interesse em avaliar os elementos que fundamentaram a conformação da expressiva rede de ensino edificada pela denominação adventista.

A expansão inicial do adventismo no Brasil esteve fortemente associada à atuação junto de comunidades de imigrantes europeus, sobretudo de origem germânica, e à circulação de literatura religiosa em idiomas estrangeiros. Esse dado aponta para a importância das redes culturais e linguísticas na difusão da nova crença, ao mesmo tempo em que evidencia limites à sua ampliação em um país de acentuada diversidade social e cultural. Assim, impõe-se a necessidade de compreender como o movimento transitou de um núcleo restrito para uma inserção mais ampla na sociedade brasileira, enfrentando desafios relacionados à língua, à cultura e às práticas religiosas locais. Ao considerar tais aspectos, o presente artigo busca responder à seguinte questão: de que modo a implantação das primeiras escolas adventistas nas regiões sul e sudeste do Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, configurou-se como estratégia de inserção social, de concentração e expansão de capital simbólico, bem como de consolidação do adventismo nos campos religioso e educacional brasileiros? Com vistas a enfrentar essa questão, o referencial teórico deste artigo, situado no campo da História da Educação, está pautado, majoritariamente, em autores do âmbito da sociologia, com destaque para o francês Pierre Bourdieu, que apresenta conceitos importantes para a organização e a interpretação dos dados relativos ao tema.

A fim de avaliar como os missionários adventistas podem ter exercido o papel de intelectuais no seio do espaço social e, mais especificamente, no campo educacional brasileiro, faz-se necessário discutir desde o início a própria definição de intelectual. Os intelectuais já foram definidos como mediadores de conflitos, organizadores culturais, produtores de capital simbólico, entre outras classificações. Segundo Sirinelli (2003), o termo intelectual apresenta um caráter polissêmico, polimorfo e de difícil definição, apresentando diferentes possibilidades de interpretação. Em que pese isso, destacam-se dois significados para termo: o primeiro o concebe de maneira mais ampla remetendo a criadores e mediadores culturais, tais como escritores, jornalistas e professores; enquanto o segundo assume um sentido mais restrito, baseado na noção de engajamento. Conforme destaca Leclerc (2003), o intelectual é engajado na vida pública e, ao mesmo tempo, produz obras, ganhando visibilidade midiática e política, o que lhe confere a possibilidade de interferir de maneira significativa nas estruturas do espaço social. Já para Pierre Bourdieu (1989), os intelectuais podem ser definidos como produtores de capital simbólico, o que nos permite analisar o campo em que estão inseridos, bem como a maneira como atuam e se mobilizam em diferentes disputas pelo poder.

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, este artigo foi estruturado em três momentos fundamentais. Inicialmente, examina-se a circulação da literatura religiosa adventista no Brasil e a atuação dos primeiros missionários, destacando o papel dos impressos na difusão da fé e na formação de comunidades religiosas. Na sequência, analisam-se as origens da educação adventista no país, com destaque para suas instituições pioneiras, quais sejam: o Colégio Internacional de Curitiba (PR), o Colégio de Gaspar Alto (SC) e o Colégio de Taquari (RS), compreendidos como espaços estratégicos de inserção social e de difusão de valores religiosos e culturais. Por fim, o texto busca demonstrar como a educação foi instrumento central do projeto missionário adventista, articulando a formação interna com a expansão externa da denominação.

O INÍCIO DA CIRCULAÇÃO DA LITERATURA RELIGIOSA ADVENTISTA NO BRASIL

A educação formal adventista concretizou-se em 1872 com a fundação da primeira escola básica oficial em Battle Creek, Michigan (Stencel, 2006). A princípio, a escola adventista não teria sido estruturada com a finalidade de tornar-se uma agência evangelizadora para atrair alunos não adventistas. O objetivo educacional seria educar filhos de adventistas, preparando-os para o serviço missiológico proselitista de assistência ao próximo (Melo, 2019). Com intenção missiológica, o adventismo foi se espalhando pela Europa e, aos poucos, por toda a América. Paralelamente a esse movimento, no contexto brasileiro, a partir da metade do século XIX, a influência estadunidense intensificou-se em questões políticas e comerciais, o que também contribuiu para a chegada de missionários de religiões oriundas dos Estados Unidos. Nesse quadro, parte dos imigrantes estadunidenses atuou para efetivar a implantação das missões protestantes no Brasil, entre os quais se incluíam os adventistas.

Em agosto de 1860, foi fundada a Colônia de Brusque, em Santa Catarina, composta por imigrantes europeus que optaram por deixar sua terra natal devido a mudanças políticas e econômicas na Europa. Os primeiros colonos, inicialmente em sua maioria alemães, e depois italianos e poloneses, desembarcaram às margens do Itajaí Mirim. Chegavam ao Brasil praticamente sem qualquer informação, muitas vezes enganados pelas propagandas recebidas em seus países de origem (Borges, 2000a). Com o avanço econômico de Brusque, surgiram estabelecimentos comerciais onde a população se reunia em atividades sociais. Um desses estabelecimentos pertencia a Davi Hort, comerciante alemão que recebeu, em 1884, a primeira correspondência adventista enviada ao Brasil. Um jovem de origem germânica, conhecido como Borchardt, frequentador desse comércio, ao retornar à Alemanha de navio, conheceu missionários adventistas e lhes forneceu tal endereço brasileiro para o envio de literatura religiosa (Borges, 2000a).

Após alguns meses, por meio de uma embarcação procedente de Itajaí, chegou a Brusque um carregamento: um pacote com correspondência proveniente de Battle Creek, Michigan, Estados Unidos, para Carlos Dreefke – parente de Borchardt, com quem os missionários adventistas haviam conversado no navio (Borges, 2000b). Todas as correspondências destinadas ao vilarejo de Brusque eram entregues no casarão do comerciante Sr. Davi Hort. Como a correspondência estava endereçada a Carlos Dreefke e já havia sido paga, ele a aceitou. No pacote havia dez revistas com o título *Stimme der Wahrheit (A Voz da Verdade)* – esse foi o início da circulação da literatura adventista no Brasil (Borges, 2000a).

A literatura religiosa adventista foi amplamente incentivada, mesmo antes da oficialização da igreja em 1863, o que favoreceu a circulação das publicações, que já em 1849 alcançavam grande difusão, tendo se espalhado por toda a Europa. Esse fato contribuiu para que a primeira imprensa denominacional fosse inaugurada no continente, chamada Imprimerie Polyglotte, em 1876 na Suíça. Tal iniciativa facilitou o envio de publicações também para a América do Sul (Vieira, 2015). Os adventistas valorizavam os impressos que lhes serviam como meio de difusão e de legitimação social. De acordo com Bellotti (2021), a influência da doutrina adventista por meio da literatura servia como estratégia de expansão da igreja.

Figura 1: Casa comercial do senhor Davi Hort, local em que chegou o pacote de literatura adventista em 1884. Foto tirada na década de 1990.



Fonte: Borges (2000a, p. 21).

Ao analisarmos a utilização sistemática da literatura religiosa pelos adventistas, torna-se possível compreender seus missionários não apenas como agentes evangelizadores, mas também como intelectuais atuantes no interior do espaço social brasileiro. Ao produzir, traduzir, distribuir e interpretar impressos religiosos, esses agentes passaram a operar como mediadores culturais responsáveis pela circulação de valores, normas morais e de uma visão de mundo específica. Nessa perspectiva, a imprensa adventista não desempenhava somente função doutrinária, mas constituía um mecanismo de produção de capital simbólico, bem como de disputa por legitimidade no interior do campo religioso brasileiro. Conforme registra Bourdieu (1989, 2007a), os agentes intelectuais se caracterizam pela capacidade de intervir simbolicamente na realidade social, organizando sentidos e influenciando práticas coletivas. Assim, os impressos adventistas contribuíram para a formação de novas sensibilidades religiosas e educacionais, especialmente junto às comunidades de imigrantes no sul do país.

Quanto à maneira como as publicações se propagaram pelo Brasil na década de 1890, Vieira (2015) descreve:

[...] no “Oeste Novo” de São Paulo em Indaiatuba, Piracicaba e Rio Claro, no Paraná em Curitiba, no Rio Grande do Sul em Não-Me-Toque e Taquari, em Santa Catarina em Gaspar Alto e Joinville, em Minas Gerais em Teófilo Otoni, e no Espírito Santo em Santa Maria [...] A igreja Adventista do Sétimo Dia, despontava assim como sucessora direta do movimento protestante atingindo todos os continentes (Vieira, 2015, p. 139).

Como corolário desse amplo movimento, com o passar dos anos a literatura religiosa adventista se expandiu em território brasileiro, o que resultou na formação de diversos grupos de adventistas do sétimo dia, marcadamente a partir de 1890, especialmente nos locais de colonização alemã e suíça.

A CHEGADA DOS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS ADVENTISTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX

Segundo Menslin (2015), quando os líderes da Igreja Adventista nos Estados Unidos tomaram ciência de que no Brasil havia guardadores do sábado, decidiram enviar missionários. Os primeiros missionários adventistas a chegar ao país eram colportores – vendedores de livros evangélicos – com a missão de percorrer a Argentina, o Uruguai e o Brasil. Eles trouxeram consigo apenas literatura em alemão e inglês. As colônias alemãs eram isoladas, o que favoreceu a permanência do idioma e a propagação da literatura adventista naquele meio. Após os colportores despertarem interesse suficiente pelo ensino religioso adventista, os líderes da igreja nos Estados Unidos enviaram pastores para batizar os recém-conversos, bem como para fundar igrejas no Brasil. Em conformidade com Vieira (2015), no início de 1895, o pastor Frank H. Westphal, importante liderança da igreja adventista, chegou ao Brasil após uma estada de seis meses na Argentina e no Uruguai, com o intuito de batizar os primeiros conversos. Entre eles destaca-se Guilherme Stein Jr., o primeiro brasileiro batizado, em abril de 1895, no rio Piracicaba (SP), localidade que se tornaria uma das expoentes na expansão cultural da denominação. Stein Jr. foi de grande relevância para a educação adventista brasileira, tendo sido professor e diretor das três primeiras escolas adventistas do país. Conforme Menslin (2015), após a chegada de Westphal, foram enviados mais dois pastores ao país, a saber, Huldreich F. Graf e Frederick W. Spies, ambos pioneiros e missionários importantes dentro da igreja adventista nos Estados Unidos. Eles foram escolhidos em razão de sua origem germânica e fluência no alemão, o que facilitou seu trânsito nas colônias alemãs brasileiras, a fim de difundir as particularidades de suas crenças e de seus costumes. Há, nesses termos, uma articulação entre a expansão urbana e a religiosidade, enquanto diretriz que apontava para a necessidade de se seguir certas normas de conduta e convivência, conforme registra Loyola (2017, p. 94).

[...] a religião é um sistema simbólico que funciona como princípio que constrói a experiência. Ela delimita o que merece ser discutido e o que deve ser admitido sem discussão, como dogma ou mistério da fé. Ela converte os preceitos implícitos de um *ethos* desejável, consagrando-os como normas éticas explícitas, racionalizadas e sistematizadas.

Quando se incorporam alguns comportamentos religiosos, adquirem-se também certos imperativos éticos, pois, nesses termos, quem faz o bem ou o mal receberá recompensas ou punições. O estabelecimento dessa característica cultural, conforme aponta Bourdieu (2007a, p. 35-36), ocorre simultaneamente ao processo de urbanização e conformação das cidades:

Os processos de interiorização e de racionalização dos fenômenos religiosos e, em particular, a introdução de critérios e imperativos éticos, a transfiguração dos deuses em poderes éticos que desejam e recompensam o “bem” e o “mal”, de modo a salvaguardar também as aspirações éticas, e mais o desenvolvimento do sentimento do “pecado” e o desejo de “redenção” eis aí alguns traços que se desenvolveram, via de regra, paralelamente com o desenvolvimento do trabalho industrial, quase sempre em relação direta com o desenvolvimento urbano.

Ao considerar essa perspectiva, a religiosidade esteve atrelada ao desenvolvimento social e cultural das cidades, estabelecendo regras e direcionando comportamentos a serem seguidos por indivíduos e grupos. Verifica-se, assim, a formação de um campo social relativamente autônomo,

caracterizado por regras, valores e dinâmicas próprias, mesmo que, em linhas amplas, submetido às determinações do espaço social como um todo (Bourdieu, 2004b).

ADVENTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: ORIGENS

Assim como os demais protestantes, os adventistas trouxeram consigo o seu *habitus*, a saber: um conjunto de disposições duráveis internalizadas a partir das experiências sociais anteriores, as quais, por sua vez, estruturam a percepção, as ações e a tomada de decisões no presente (Bourdieu, 2004a). O *habitus* dos adventistas se expressava nas preferências sistemáticas, que influenciavam o estilo de vida e a cultura, nos quais a religião ocupava posição central. Ao inserir seu *habitus* no campo missionário brasileiro, a fé adventista, que teve início nos Estados Unidos, fixou-se efetivamente no Brasil. A educação foi a ferramenta utilizada como propaganda indireta, visando a penetração do protestantismo no país – notadamente por meio de práticas proselitistas. Tal abordagem constitui-se como uma das estratégias empregadas para a consolidação dos ideais hasteados pelo movimento, desde a primeira metade do século XIX:

Junto com a evangelização, a educação da escola protestante formou o conjunto de aspectos que são determinantes para compreender os processos de penetração, expansão e consolidação do projeto missionário dos protestantes no Brasil. A educação, como estratégia missionária, nunca deixou de acompanhar os missionários norte-americanos [...] Nas regiões onde estavam situadas as missões protestantes, logo eram abertas suas escolas e colégios, trazendo consigo práticas e métodos inovadores, considerados modernos, quando comparados às ainda débeis iniciativas governamentais, frágeis na área (Cres, 2020, p. 72-73).

A educação protestante apresentou características que a tornavam atrativa às elites liberais, uma vez que o conteúdo trabalhado nas instituições apresentava valores expressos na cultura e no modo de vida estadunidenses. As escolas, como espaço sociocultural, mostravam-se atraentes por esse motivo, e, simultaneamente, em razão das condutas sociais e dos valores fundamentados em sua perspectiva religiosa, tais como o combate ao uso do álcool, ao tabagismo e aos jogos de azar.

Após a Proclamação da República, em 1889, iniciou-se a formação de uma nova perspectiva acerca do sistema educacional brasileiro, marcada pela valorização do liberalismo e pela separação entre Estado e Igreja. A partir de então, os protestantes brasileiros obtiveram liberdade de culto, por meio do Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890 (Brasil, 1890). Nesse contexto, ocorreram importantes mudanças sociais e educacionais, com destaque para a expansão das escolas públicas e privadas, o que também foi um desdobramento da anterior Reforma Leôncio de Carvalho, ocorrida em 1879, que instituiu a liberdade de ensino – o que contribuiu para impulsionar o surgimento de escolas protestantes. Segundo Mendonça e Velasques (1990), tais instituições tinham o propósito de difundir a cultura protestante por meio de métodos educacionais modernos, os quais fizeram sucesso na Inglaterra e nos Estados Unidos. A ideologia trazida pelos protestantes foi bem aceita por boa parte da elite brasileira, pois ressaltava a pretensa superioridade estadunidense que – em tese – defendia as liberdades intelectual e religiosa, bem como a democracia. Tais elementos, aliados à ideia de associação a uma cultura supostamente mais avançada, contribuíram para que a elite brasileira dedicasse especial atenção às *escolas americanas*:

[...] isto é, protestantes. Uma segunda intenção era formar uma elite que, se não fosse protestante, pelo menos tivesse sido influenciada pelos valores e princípios da cultura que lhe era proposta pelas escolas. Para que o Brasil se tornasse a potência que pretendia ser, era necessário que deixasse de lado as tradições culturais e religiosas latinas, isto é, católicas. Uma terceira intenção era evangelizar as famílias que tinham seus filhos nas escolas protestantes (Mendonça; Filho, 1990, p.105).

Por meio do seu sistema educacional, as escolas protestantes buscavam introduzir sua cultura e seus valores confessionais, mantendo a finalidade de evangelizar as famílias dos alunos. Entretanto, destaca-se que, no caso dos adventistas, o objetivo inicial era educar filhos e filhas dos próprios membros, preparando-os para o campo missionário, a fim de fazer prosélitos entre os que não pertenciam à denominação. Conforme destaca Melo (2019), a trajetória da educação adventista no Brasil ocorreu de forma diferente, aqui, a primeira escola praticamente foi fundada junto com a igreja, enquanto nos Estados Unidos ela levou mais de uma década para se desenvolver.

A educação adventista no Brasil tem como marco simbólico inicial o mês de outubro de 1895, quando o pastor Huldreich Von Graf, um dos primeiros membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos, entrou em contato com o jovem recém-batizado Guilherme Stein Jr. Autodidata e fluente à época em mais de cinco idiomas, Stein Jr. havia estudado alguns anos na Escola Alemã de Campinas. O pastor o convidou para ser professor e primeiro diretor de uma escola adventista no país, dessa forma teve início o Colégio Internacional de Curitiba. A escolha de Guilherme Stein Jr. para liderar a implantação da escola foi influenciada por sua origem luterana, pela grande influência educacional protestante e por sua fluência em alemão – idioma que deveria ser utilizado na escola. No ato da inauguração, a escola possuía apenas oito alunos matriculados, em pouco mais de um ano, já contava com cem estudantes, e dispunha de dois professores em seu quadro: Guilherme Stein Jr. e sua esposa Maria Stein (Carvalho, 2013).

Figura 2: Colégio Internacional de Curitiba 1895 – Curitiba, PR.



Fonte: <http://www.criacionismo.com.br/2012/08/as-primeiras-instituicoes-adventistas.html>.

Como se pode perceber, as instalações eram pequenas, entretanto, serviam ao propósito inicial. A casa de alvenaria ficava na rua Paulo Gomes, à época no número 19. Com o crescimento das matrículas, as instalações já não comportavam o número de alunos, surgiu,

então, a necessidade de uma primeira mudança de prédio e, em seguida, de sucessivas outras transferências de endereço, para edificações ainda maiores (Vieira, 2015).

Figura 3: Colégio Internacional de Curitiba 11 de julho de 1896 – Curitiba, Brasil.



Fonte: https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/nossa-educacao/brasil_2_colegio-internacional-curitiba-pr-brasil

Em 1896, o Colégio Internacional de Curitiba estava instalado em uma construção moderna (Figura 3), capaz de comportar todos os alunos matriculados. O prédio tinha acomodações amplas e atendia uma clientela que se dividia em três turmas. Na época, a instituição possuía cerca de cento e trinta alunos e já contava com um número maior de docentes, em comparação com o começo de seu funcionamento, precisamente quatro docentes – o dobro do início (Carvalho, 2013).

Figura 4: Discentes e docentes do Colégio Internacional de Curitiba, seis meses após a fundação, em 1896. À esquerda Guilherme Stein Jr., responsável pela escola.



Fonte: Vieira (2015, p. 154).

Relatos escritos pelo próprio Guilherme Stein Jr. detalham o crescimento da instituição. Ao tratar das escolas que Curitiba possuía à época, ele afirmou que havia grandes colégios, mas que estes seguiam métodos de alfabetização baseados em soletração nas escolas primárias, ao passo que o Colégio Internacional de Curitiba já empregava um método mais avançado:

A nossa escola progrediu rapidamente, o que devemos em parte ao sistema fonético do professor mineiro Felisberto de Carvalho que introduzimos e defendemos malgrado a oposição dos colégios, como o grande Colégio Alemão, cujo corpo docente defendia o sistema hoje arcaico, tendo nós de sustentar uma disputa pelo jornal alemão “Der Beobachter” (O observador), defendendo o novo sistema. A escola que começou com meia dúzia de alunos, acusou ao cabo de seis meses uma matrícula de 120 alunos (Stein Jr, 1897 apud Vieira, 2015, p. 153).

Conforme mencionado pelo próprio Stein Jr., o método fônico foi empregado no Colégio Internacional de Curitiba, o que, segundo ele, garantia maior eficácia na alfabetização. Outros colégios da cidade manifestaram oposição ao método adotado, tendo ocorrido, inclusive, um debate publicado no jornal *Der Beobachter* – segundo Vieira (2015), esse foi o primeiro jornal alemão a circular em Curitiba, fundado em 1889. Nesse mesmo jornal já se publicara um relato positivo a respeito do colégio, com destaque para a infraestrutura, o currículo, a disciplina e o desempenho escolar, com ênfase no sistema fonético utilizado para o ensino de leitura, conforme relatado por Carvalho (2013). Com isso, verifica-se que a atuação de Guilherme Stein Jr. em Curitiba ultrapassava os limites administrativos e pedagógicos do colégio, inserindo-o em debates educacionais mais amplos presentes na cidade no final do século XIX. Ao defender publicamente métodos modernos de alfabetização e ao participar de discussões por meio da imprensa local, Stein Jr. atuava como um intelectual envolvido na reorganização do campo educacional. Sua atuação evidencia como os missionários adventistas buscavam legitimar-se socialmente não apenas pela via religiosa, mas também pela incorporação de discursos associados à modernização pedagógica e ao progresso cultural.

Cumprir destacar que nesse período, apenas dois alunos do Colégio Internacional de Curitiba eram filhos de adventistas, e mais de uma centena não o eram. As aulas sempre se iniciavam com orações e cânticos, e aos sábados, por funcionar obrigatoriamente em cumprimento a determinações governamentais, a escola oferecia apenas reuniões religiosas, e não aulas da grade curricular, estratégia para cumprir a lei, e ao mesmo tempo, não contrariar o descanso sabático por eles obedecido. Segundo Vieira (2015), o colégio durou apenas oito anos – de 1896 a 1904 – e teve cerca de 400 alunos matriculados. Posteriormente, passou a ocupar o Palacete Wolf, na praça atualmente chamada Garibaldi, em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário (Vieira, 2015). O colégio utilizava materiais didáticos da educação estadunidense, como mapas geográficos e de anatomia, globos, ábacos, microscópios, aparelhos para ginástica, entre outros. Uma das hipóteses para o curto período de atividade, apesar da boa localização, dos professores e do material didático elogiados, pode ter sido o fato de funcionar em meio a uma comunidade alemã, e difundir a cultura dos Estados Unidos, o que pode ter impulsionado a evasão (Carvalho, 2013). Outro fator que pode ter contribuído para o fechamento do colégio, segundo Menslin (2015), foi o alto custo da mudança para o palacete Wolf, o que inviabilizou a obtenção de recursos suficientes para arcar com o aluguel e com o salário de novos professores.

Figura 5: Discentes e docentes do Colégio Internacional de Curitiba – em sua segunda sede.



Fonte: Vicira (2015, p. 155). Fotografia publicada no *Arauto da Verdade*, n. 5, maio de 1903, p. 77.

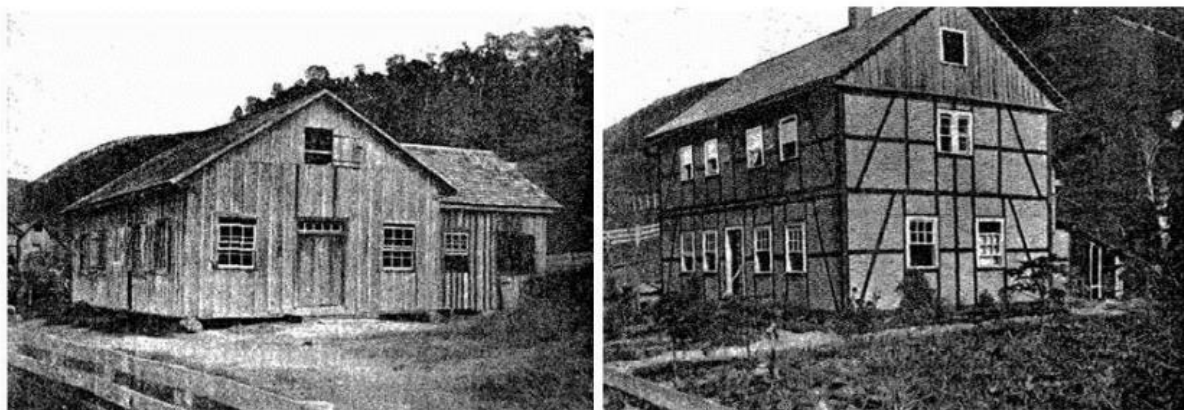
Inicialmente, a educação adventista atraía jovens da emergente classe média rural, enviados por seus pais às escolas para receber educação no idioma alemão, entretanto, como visto, isso não bastou para manter o primeiro colégio aberto. Em outubro de 1897, Guilherme Stein Jr. foi novamente convidado por Huldreich Von Graf para auxiliar na fundação de mais uma escola adventista, da qual foi o primeiro diretor e professor. A escola ficava junto à igreja adventista localizada em Gaspar Alto, município de Brusque (SC), onde se instalou o então Colégio Superior, com o objetivo de preparar missionários (Stencel, 2006). Nesse momento, verifica-se que Stein já possuía um significativo capital social, sendo reconhecido em seu meio, estabelecendo relações duráveis que lhe proporcionavam o alcance de benefícios e a concretização da troca de favores, sob a forma de lucro material e simbólico. A respeito dessa modalidade de dinâmica social, Bourdieu registra:

Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas [...] (Bourdieu, 2007b, p. 68).

Stein Jr. aceitou o convite e dirigiu-se a Gaspar Alto para conduzir o novo empreendimento, dotado de forte traço missiológico. O terreno do colégio tinha 2,5 hectares e nele, pela manhã funcionava o nível primário, e pela tarde o secundário. Os alunos também realizavam atividades agrícolas. Empregava-se o idioma alemão na escola, e o local contava com

dormitório para 40 alunos em regime de internato. Composto por dois pisos, sótão e refeitório, o edifício se dividia entre escola e igreja (Carvalho, 2012).

Figura 6: Edifício escolar e dormitório do Colégio de Gaspar Alto.



Fonte: Vieira (2015, p. 157).

Figura 7: Igreja de Gaspar Alto, SC. Segunda Conferência do Estado, por volta 1906.



Fonte: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/historia-da-igreja-adventista/historia-na-america-do-sul/>

Segundo Macedo (2018), o propósito de formação missiológica da instituição tinha objetivos internacionais, com aulas ministradas em alemão, e não em português. Gross (2015), registra a localização inicial das escolas adventistas no Brasil, e também indica algumas de suas características:

A educação adventista no Brasil (tanto de internato quanto de externato) iniciou nos três estados meridionais: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em dois cenários distintos: primeiro em uma capital (Curitiba, PR) praticamente sem presença

adventista. Em segundo, em um ambiente rural, onde já havia uma igreja formalmente organizada (Gaspar Alto, município de Brusque, SC). A primeira era de sustento próprio, cujas entradas financeiras eram provenientes das mensalidades escolares que a mantinham. A segunda, podemos hoje chamá-la de – escola paroquial. Em ambos os casos, o ensino era ministrado em alemão, para alunos filhos de famílias de imigrantes e seus descendentes que, em casa e fora dela, tinham o alemão como língua primeira (Gross, 2015, p. 25-26).

Após a educação adventista consolidar-se no Paraná e Santa Catarina, expandiu-se para o Rio Grande do Sul. Em maio de 1902 realizou-se uma assembleia em Gaspar Alto, na qual foi aprovada a abertura de mais uma escola, a terceira:

Em Taquari, Rio Grande do Sul, em 1897, o proprietário de um hotel que havia aceito a fé adventista, queria converter o seu hotel em uma sede da missão e sanatório. Os dirigentes arrendaram uns 100 hectares para criar uma escola agro-industrial. Pôde-se então, em 1903 abrir um colégio destinado a missionários, com doze alunos, que logo subiram a vinte. Foi o segundo colégio missionário do Brasil (Vieira, 2015, p. 175-176).

O colégio entrou em funcionamento no dia 19 de agosto de 1903 e tinha por missão formar colportores, missionários, professores e pregadores. O ensino era ministrado em português e em alemão, com instrução baseada na Bíblia. Dentre as aulas oferecidas constavam física, botânica, zoologia, gramática, aritmética, geografia, caligrafia e canto. Também havia ensino prático voltado à agricultura e à apicultura (Vieira, 2015). No local, posteriormente, funcionaria uma gráfica, onde seria criado o segundo periódico da denominação. Guilherme Stein Jr. aceitou o convite do pastor Huldreich Von Graf e mudou-se para Taquari, passando a atuar no colégio e na redação do periódico *O Arauto da Verdade*.

Figura 8: Prédio do Colégio e gráfica em Taquari no RS, em 1985.



Fonte: Vieira (2015, p. 174).

Posteriormente, em 1910, o Colégio de Taquari foi transferido para São Paulo, tendo sua localização como um dos principais motivos da mudança. O foco a partir de então passou a ser o proselitismo dos brasileiros natos, e não mais apenas entre os alemães, como ocorria no

princípio. Consequentemente, as aulas passaram a ser ministradas em português e por professores brasileiros sem ascendência alemã. Cabe destacar que, no período, a instalação da gráfica em Taquari acabou por desestabilizar o colégio, que sofreu com as comparações em relação ao Colégio de Gaspar Alto, e também em relação ao Colégio Superior de Curitiba, assinalando-se que o campo gaúcho da IASD não possuía recursos financeiros para dar suporte à instituição. Em fevereiro de 1910, a Assembleia da Associação dos Adventistas do Sétimo Dia do Brasil recomendou a transferência do Colégio Superior de Taquari, o que resultou no fechamento da instituição e na venda, em 1911, da propriedade pela administração. Mais tarde, em 28 de abril de 1915, foi adquirida uma propriedade no Capão Redondo, em Santo Amaro, São Paulo. De acordo com Stencil (2006), nesse novo local se estabeleceu o Seminário Adventista – posteriormente Colégio Adventista Brasileiro (CAB), e o Instituto Adventista de Ensino (IAE) – o atual UNASP, Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Algumas práticas educacionais adventistas assemelhavam-se a aspectos da Escola Nova, pois a educação era integral, por vezes campestre e focada na prática educacional estadunidense, o que contribuiu para os debates ocorridos na década de 1920. Segundo Melo (2019) o modelo educacional adventista visava promover o desenvolvimento completo do educando nas dimensões física, mental, moral (espiritual) e social, ressaltando-se a necessidade de um sistema educacional que cultivasse de forma equilibrada todos esses aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu compreender que a relação entre o adventismo e a educação no Brasil, desde o final do século XIX, constituiu-se como um elemento estratégico para a consolidação da denominação no país. Longe de ser um desdobramento secundário da atividade religiosa, a educação foi uma dimensão estruturante do projeto missionário adventista, operando simultaneamente como instrumento de formação interna e de expansão de seus valores e crenças à comunidade externa. Já no atinente ao processo de circulação da literatura religiosa adventista e à atuação dos primeiros missionários, verifica-se que a expansão da denominação esteve profundamente vinculada à produção, à circulação e ao controle de bens simbólicos. Os impressos, os debates educacionais, as práticas escolares e os discursos moralizadores constituíram mecanismos por meio dos quais os adventistas buscaram conquistar reconhecimento social e ampliar seu capital simbólico, junto às comunidades em que se inseriam. Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas pelos missionários adventistas podem ser caracterizadas enquanto ações intelectuais, visto terem atuado como mediadores culturais responsáveis pela difusão de valores, de saberes e de modelos de conduta associados ao protestantismo estadunidense.

A análise da implantação das primeiras instituições escolares nas regiões sul e sudeste – com destaque para as experiências do Colégio Internacional de Curitiba (1895), do Colégio de Gaspar Alto (1897), e do Colégio de Taquari (1903) – demonstra que a educação adventista atuou simultaneamente em diferentes dimensões. Por um lado, essas instituições respondiam às demandas educacionais de comunidades de imigrantes, sobretudo de origem germânica, oferecendo ensino em língua alemã e certa identificação cultural aos grupos atendidos. Por outro, funcionavam como espaços de formação disciplinar, moral e religiosa, orientados pela construção de um *habitus* específico, articulado aos interesses missionários da denominação. Assim, não apenas transmitiam conteúdos escolares, mas também produziam formas particulares de vida social em torno de sua visão de mundo, contribuindo para a conformação de novas práticas no

cotidiano dos espaços urbanos e rurais em que se estabeleceram. Fato que evidencia como projetos religiosos podem intervir de maneira estruturante na organização cultural, mobilizando estratégias diversas – educacionais, editoriais e simbólicas – para garantir sua permanência e expansão no espaço social.

REFERÊNCIAS

- BELLOTTI, Karina Kosicki. *Alistando-se no invencível exército da página impressa* – Cultura impressa adventista no Brasil no século XX. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 850-874, set./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02204813>
- BOURDIEU, Pierre. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.
- BORGES, Michelson. *A chegada do adventismo ao Brasil*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000a.
- BORGES, Michelson. *A mensagem* – História do adventismo e a sua chegada ao Brasil. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000b.
- BRASIL. *Decreto nº 119-A*, de 7 de janeiro de 1890. Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências. *Diário Oficial da União*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 10, jan. 1890.
- CARVALHO, Francisco Luiz Gomes. de. *O ensino religioso no ensino superior da educação adventista: presença e impasses*. 2012. 248 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CARVALHO, Francisco Luiz. Gomes de. *A educação adventista no Brasil: entre os fins do século XIX e início do XX*. In: Congresso Nacional de Educação – Educere, 11., 2013, Curitiba. Anais [...] Curitiba: PUC/PR, 2013.
- CRES, Elna Pereira Nascimento. *Educação adventista: entre relevâncias e possibilidades em um contexto plural*. 2020. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Francisco, Itatiba, 2020.
- GROSS, Renato. *A educação adventista no Brasil: uma visão diacrônica*. In: SUÁREZ, Adolfo S. (org.) *Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem*. Engenheiro Coelho: Unaspres - Imprensa Universitária Adventista, 2015. p. 25-34.
- LECLERC, Gerard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- LOYOLA, Maria Alice. *Campo Religioso*. CATANI, Afrânio Mendes (org). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 93-95.
- MACEDO, Tiago da Costa Barros. *Memória e religião: análise de aspectos discursivos do sistema educacional adventista no Brasil*. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

MELO, Werlei Gomide. *Parâmetros da educação nos escritos de Ellen G. White: implicações para o currículo e para a educação adventista na atualidade*. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2019.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa.; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENSLIN, Douglas. *Educação adventista 120 anos: das escolas paroquiais a uma rede de ensino permanências e rupturas de um ideário educacional*. Curitiba: DVK, 2015.

SIRINELLI, Jean François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

STENCEL, Renato. *História da Educação Superior Adventista: Brasil, 1969-1999*. 2006. 325 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2006.

VIEIRA, Ruy Carlos. de Camargo. *A época e a obra pioneira de Guilherme Stein Jr: um ensaio sobre as origens*. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2015.

Submetido em abril de 2026

Aprovado em maio de 2026

Informações do autor

Oriomar Skalinski Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa
E-mail: oskalinski@uepg.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2660-6839>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9877722344756463>

Vanessa Sabrina de Souza
Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa
E-mail: vssouza77@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4147-8747>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8029882551717498>